

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

FABÍOLLA DOS SANTOS FRANÇA

A INFLUÊNCIA FAMILIAR NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO INFANTIL

MARINGÁ
2015

FABIOLLA DOS SANTOS FRANÇA

A INFLUÊNCIA FAMILIAR NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para a obtenção do grau
de licenciado em Pedagogia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Ivone Pingoello.

MARINGÁ
2015

FABIÓLLA DOS SANTOS FRANÇA

A INFLUÊNCIA FAMILIAR NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para a obtenção do grau
de licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Ivone Pingoello (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Prof^o. Ms. Gilmar Alves Montagnoli
Universidade Estadual de Maringá

Prof^a. Dra. Ercília Maria A. T. de Paula
Universidade Estadual de Maringá

MARINGÁ, _____ DE _____ DE 2016.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço em especial, à minha mãe Soledade, por todo amor, dedicação, cuidado e principalmente por toda paciência, pois não foram quatro anos fáceis. Por sempre ter me apoiado em busca dos meus sonhos, por ter se preocupado e sofrido comigo nos momentos de angústia, onde com certeza sem o seu amor e incentivo eu não teria chegado até aqui.

Ao meu pai Gervásio, que mesmo longe, me apoiou todo esse tempo e me incentivou a ir sempre em frente.

Com carinho a toda minha família, e a todos os meus amigos, em especial aos meus compadres, melhor amiga e padrinho Leciany e Renan, por se orgulharem, me ajudarem tanto e por acreditarem na minha vitória.

Meu muito obrigado à professora Ivone Pingoello por ter aceitado o convite para ser minha orientadora, por toda dedicação e paciência, principalmente paciência (risos) que teve na elaboração deste trabalho. E também aos professores Gilmar Montagnoli e Ercília de Paula por aceitarem o convite de fazerem parte da banca examinadora e por toda atenção e disposição para ler o meu trabalho.

A todos os professores que fizeram parte da minha graduação, por todo saber que nos foi transmitido, às minhas colegas de turma, por estarem junto comigo nesta jornada de quatro anos, pelas frustrações e alegrias. Especialmente a minha amiga e dupla Caroline Tavares por ter sido tão importante, por ter me dado tanto apoio ao longo do curso.

Dedico esse trabalho e a minha graduação no curso de pedagogia a memória da minha bisavó Edméia Negrini que sonhou tanto para que eu, sua única neta entre netos e bisnetos que optou por um curso superior conseguisse chegar até aqui.

Enfim, termino agradecendo a Deus por ter me permitido chegar até aqui, por ter me feito forte, e por me fazer acreditar tanto no meu sonho, que apesar de todas as dificuldades, a fé e a perseverança nunca me faltaram ao longo do caminho.

“NÓS NOS TORNAMOS NÓS MESMOS ATRAVÉS
DOS OUTROS” (LEV VYGOSTKY)

RESUMO

Essa pesquisa teve por objetivo analisar a influência do contexto familiar no desenvolvimento do comportamento agressivo infantil, qualificar o contexto familiar, descrever o desenvolvimento comportamental a partir das influências do meio, verificar a causalidade dos comportamentos agressivos infantis e por fim discutir as análises realizadas. Faz-se importante o estudo dessa temática, pois pais e professores sofrem diariamente com o comportamento agressivo infantil, sendo relevante pesquisar a família que tem sido fonte constante de acusações de promoção de comportamentos indesejados que causam impactos negativos no desenvolvimento da criança e nas relações sociais escolares. Para nossa análise, foi adotado o referencial teórico vigotskyano por entendermos que essa linha de pesquisa oferece aporte científico e reflexões importantes sobre o papel da mediação na construção de modelos comportamentais.

Palavras-chave: Família. Comportamento infantil. Aprendizagem.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the influence of family background in the development of children's aggressive behavior, qualify the family context, describe the behavioral development from the middle influences, check the causality of child aggressive behavior and finally discuss the analyzes. It is important to study this subject because parents and teachers suffer daily with children's aggressive behavior, and relevant research the family that has been a constant source of promotion of accusations of unwanted behaviors that cause negative impacts on child development and social relations school. For our analysis, we adopted the vigotskyano theoretical because we believe that this approach has a scientific contribution and important reflections on the role of mediation in the construction of behavioral models.

Keywords: Family. Children's behavior. Learning.

1 INTRODUÇÃO

O estudo do comportamento agressivo infantil envolve a necessidade de entender como se dá as relações familiares onde a criança está inserida, pois a família é um dos principais ambientes de socialização que contribui para o processo de desenvolvimento do indivíduo. A família é responsável pela transmissão de valores que refletem no sujeito desde a infância até a vida adulta. Esses valores são transmitidos de geração para geração, sendo assim, a família é a maior e principal responsável pelo comportamento infantil, pois é na infância que a criança aprende as diferentes formas de descobrir o mundo e construir suas relações sociais.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a influência do contexto familiar no desenvolvimento do comportamento agressivo infantil, tendo como metodologia a análise bibliográfica com base no referencial teórico histórico-cultural vigotskyano. Nesses referenciais buscamos respostas para nosso questionamento: quais são os impactos que as relações familiares têm sobre o comportamento agressivo infantil?

O referencial vigotskyano se justifica por entendermos que ele vem ao encontro dos nossos anseios em compreender a composição das estruturas culturais que são incorporadas pelas crianças no processo de socialização. Vigotsky (1998) entende o indivíduo como um conjunto de relações que se estruturam nas mediações sociais. Para Vigotsky (1998), a cultura do homem se cria pela interação com o meio e, tanto a família como a escola, são consideradas as principais mediadoras do comportamento infantil, pois é nesse meio que a criança constrói os primeiros significados estruturais das relações sociais.

Dessa forma, acreditamos que, analisar as influências parentais sobre o comportamento agressivo infantil irá contribuir com reflexões sobre a importância do ambiente pacífico familiar para o desenvolvimento pleno e saudável da criança e também com a construção do ambiente escolar sem violência e com sucesso na vida escolar.

Para desenvolvermos esse tema, num primeiro momento será discutido os papéis parentais e os diferentes cenários familiares, bem como a relação família/escola; na sequência, será abordado o desenvolvimento comportamental

infantil a partir das influências do meio e as possíveis causalidades dos comportamentos agressivos infantis. Ao final do trabalho, faremos uma análise dos resultados obtidos nesse estudo que se configura como uma pesquisa bibliográfica com metodologia de análise qualitativa.

2 CONTEXTO FAMILIAR

Para Gomes (1998) a família é caracterizada por pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, como pai, mãe e filhos, constituída por um casal, ou pessoas do mesmo sangue, e o autor considera que a família é o núcleo elementar da sociedade.

Pizzi (2012, p. 2) considera que família é:

[...] como o espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres, ainda que isso assuma formas diversas nas várias sociedades.

Ao longo dos anos, a estrutura familiar e o papel dos membros que compõe a família vêm se modificando. Antigamente, o modelo de família era o tradicional, pais e mães heterossexuais, casados e com seus filhos, onde o pai era responsável pelo sustento e a mãe tinha o papel de cuidadora da casa, dos filhos e do casamento. Esse modelo foi preservado por muito tempo entre os séculos XIX e XX. A partir da segunda metade do século XX, a família vem sofrendo várias mudanças devido às novas formas de vida, estas são denominadas famílias modernas (MACEDO, 1994).

De acordo com as autoras Bottoli et al. (2012) e Pizzi (2012), as famílias modernas possuem diferentes configurações como: a família nuclear – composta por pai, mãe e filhos naturais; a família homomaterna – formada por mães e filhos; família homopaterna – formada por pais e filhos; família extensa – composta por avós, tios, primos, irmãos, cunhados e etc. que moram em uma mesma casa; família substituta – crianças encaminhadas sob guarda ou tutela; famílias reconstituídas – composta por padrasto ou madrasta e novos irmãos/irmãs; e famílias homossexuais – composta por uma união conjugal entre 2 pessoas do mesmo sexo.

Apesar das diferentes configurações, essas famílias possuem, ou deveriam possuir características comuns para se atingir um único objetivo: preparar o indivíduo para viver em sociedade com amor, cuidado, sensibilidade, responsabilidade e proteção.

Szymanski (2004) destaca que a família pensada pela sociedade em geral e transmitida nos meios de comunicação e nos livros didáticos como o modelo social e histórico imposto pela sociedade ainda é o modelo de família tradicional:

Essa família aparece representada, na grande maioria das vezes, como sendo branca, de classe média, composta de pai, mãe, filhos (dois) e avós; pai provedor, ocupando a posição mais alta na hierarquia do poder, e a mãe doméstica, responsável pelo bem-estar e educação da prole. É a família pensada (Szymanski, 1995), o modelo de família ideal oferecido por nossa sociedade. Pensada porque permanece subjacente ao projeto de construção de uma família, apresenta-se como parâmetro para avaliação e promete constituir-se em passaporte para a felicidade (SZYMANSKI, 2004, p. 6-7).

A autora ainda destaca que as novas configurações familiares possuem diferentes estruturas, tanto em relação a seus diversos tipos, quanto à sua organização onde há pais que passam mais tempo com seus filhos, mães que saem para o mercado de trabalho, crianças que passam mais tempo em outras atividades ou com outras pessoas, sejam elas da família, como avós, tios, primos, ou com babás responsáveis pelo cuidado dessas crianças.

Sendo assim, estrutura familiar não pode ser considerada a família nuclear, trata-se de se considerar as novas culturas inseridas na atualidade e um sistema que organiza as funções parentais de acordo com cada tipo de família. A estrutura familiar, seja ela qual for, deve manter o compromisso de educar, cuidar e inserir a criança no mundo social. Trata-se de se considerar que as novas configurações familiares também têm condições de garantir os direitos das crianças e de ser a primeira instituição de base socializadora.

Segundo Kamers (2006) os padrões familiares vão se transformando e reabsorvendo as mudanças psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Se a família é considerada a principal instituição social transmissora de valores e cultura. É preciso pensar a família não de acordo com o seu tipo, mas sim como essa família é estruturada em questões de responsabilizações, direitos e deveres e

de modo a garantir que a criança educada por esses adultos tenham seus direitos garantidos e não se encontrem em estado de vulnerabilidade.

As configurações familiares se modificam por conta de condições e mudanças da sociedade sejam elas econômicas, culturais e etc., como, por exemplo: pais e mães adolescentes; famílias com condições socioeconômicas baixas com crianças em situação de vulnerabilidade para a desnutrição e falta de atendimentos médicos; famílias com a ausência de pai, onde os irmãos mais velhos, por exemplo, abandonam o ensino formal para cuidar de seus irmãos e da casa enquanto a mãe busca o sustento; as novas concepções de casamento e gênero.

Maio (2013) destaca que as novas configurações familiares são pouco discutidas e com as mudanças que a família vêm sofrendo na atualidade, faz-se necessário compreender que o verdadeiro significado de família não se define por quem são os membros que as compõem. A família não deve ser compreendida por um só padrão, mais sim ser considerada enquanto instituição promotora do desenvolvimento do indivíduo, de proteção, afeto e bem-estar, independente da sua configuração.

Ainda segundo a autora, vários são os fatores que influenciaram para que a família sofresse mudanças ao longo da história, entre elas, destacam-se as mudanças de sexualidade, ou seja, a igualdade de gêneros, onde o modelo de família ideal não é mais visto como a família nuclear (pai, mãe e filhos), porém essas novas configurações familiares não podem ser consideradas fatores prejudiciais ao desenvolvimento do indivíduo, pois toda e qualquer família, independente de sua configuração, tem condições de ofertar dignidade, amor, sentimentos e a garantia da felicidade e do desenvolvimento humano.

De acordo com Szymanski (2004) a pressão da sociedade pelo preconceito em busca do modelo nuclear de família ainda é muito comum. Trata-se da ideia de que os diferentes tipos de famílias podem comprometer o desenvolvimento da criança, mas independente das configurações das famílias atuais, todas devem ter características em comum, como sendo a principal de educar e cuidar dos membros que estão inseridos nela. Nesse sentido, a autora faz a seguinte definição de família:

[...] um grupo de pessoas que convivem reconhecendo-se como família propondo-se a ter entre si uma ligação afetiva duradoura, incluindo o compromisso de uma relação contínua de cuidado entre os adultos, deles com as crianças, jovens e idosos [...] (SZYMANSKI, 2004, p. 7).

Portanto, o que se privilegia é a forma como as crianças são tratadas, cuidadas e educadas e não as configurações parentais. Devido aos diversos tipos de família, os modos de educação são diferentes. A mudança das estruturas familiares atuais vem alterando as relações parentais, e essa relação é a mais importante no processo de desenvolvimento da criança, pois são os pais que exercem sobre os filhos a autoridade necessária para se fazer ouvir, atender orientações que carregam ensinamentos e valores.

Faz-se necessário então, que os pais se atentem a essas relações, pois ao mesmo tempo em que podem propiciar o desenvolvimento de seus filhos, podem também promover uma série de dificuldades se houver comportamentos como: o autoritarismo em excesso, o estresse ou a falta de paciência devido à rotina diária que esses pais têm no trabalho, nos afazeres domésticos e nas tarefas diárias, a ausência/ falta de atenção devido ao cansaço, etc. Carvalho, 2004 afirma que para que se evite comportamentos como esses que podem trazer consequências negativas, os pais, ou responsáveis devem se organizar para que possam acompanhar o desenvolvimento e propiciar um ambiente socializador agradável e adequado para o desenvolvimento da autonomia, autosegurança e autoestima.

2.1 PAPÉIS PARENTAIS E OS DIFERENTES CENÁRIOS FAMILIARES

Na perspectiva de novos arranjos familiares, Kamers (2006) destaca o novo olhar que a sociedade tem para a infância e o papel da mulher na família moderna, que também contribuem para essas mudanças. Wagner et al. (2005) destacam que as novas configurações familiares têm modificado os papéis parentais:

Diversas pesquisas apontam que as mães tendem a envolver-se mais do que os pais nas tarefas do dia-a-dia da criança e, geralmente, estão à frente do planejamento educacional de seus filhos [...]. Em contrapartida, observa-se um número crescente de pais que também compartilham com a mulher ou até mesmo assumem as tarefas educativas e a responsabilidade de educar os filhos, buscando adequarem-se às demandas da realidade atual (WAGNER et al., 2005, p. 181).

Essas mudanças se deram devido a vários fatores, como por exemplo, o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Teykal e Rocha-Coutinho (2007)

destacam que a partir do final dos anos 1960 as mulheres ingressaram no mercado de trabalho após lutas feministas na tentativa de aumentar a ajuda na renda familiar e conquistar a independência.

Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a família se modificou, a forma de sustento não ficou mais restrita ao patriarca e a mulher se dividiu entre o mercado de trabalho e os afazeres domésticos mais os cuidados com os filhos que passam a necessitar de creches e locais para permanecerem enquanto as mães estão fora de casa (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007).

O pai assume um papel novo, mais participativo tanto na educação dos filhos como na divisão dos trabalhos domésticos. As famílias passam a designar os papéis de cada um de seus integrantes conforme a sua rotina, não se tem mais um padrão e sim uma divisão de tarefas. Faz-se importante destacar que os novos modelos de família não a mudaram como principal instituição responsável por garantir condições que favoreçam o desenvolvimento humano.

Pratta e Santos (2007, p. 250) destacam as funções psicológicas da família:

[...] podem-se citar três grupos centrais: a) proporcionar afeto ao recém-nascido, aspecto fundamental para garantir a sobrevivência emocional do indivíduo; b) servir de suporte e continência para as ansiedades existenciais dos seres humanos durante o seu desenvolvimento, auxiliando-os na superação das “crises vitais” pelas quais todos os seres humanos passam no decorrer do seu ciclo vital (um exemplo de crise que pode ser mencionado aqui é a adolescência); c) criar um ambiente adequado que permita a aprendizagem empírica que sustenta o processo de desenvolvimento cognitivo dos seres humanos.

Conforme as afirmações dos autores, a família é a principal responsável pelo desenvolvimento cognitivo do indivíduo, onde essas relações devem ser marcadas não por autoritarismo, por exemplo, mas sim por diálogo, cuidado e afeto, que vão definir principalmente a personalidade do sujeito que está sendo educado por essa família.

Além das diferentes configurações, a família também possui diferenças no que se diz respeito às classes sociais, porém estas não podem influenciar nas relações que a família oferta aos seus membros. Polleto e Koller (2008) afirmam que as dificuldades econômicas não são fatores decisivos que prejudicam desenvolvimento do indivíduo, mas sim a forma em que os adultos educam as

crianças inseridas na família, ou seja, são as experiências vivenciadas na família que vai construir o sujeito, as formas de amor, carinho, atenção, proteção, afeto e cuidado principalmente. Então, a pobreza pode ser um fator negativo, mas a forma como a família vivencia esse cenário é o que será decisivo no processo de desenvolvimento do indivíduo.

Braz, Dessen e Silva (2005) também apontam que o contexto social atual em que a família está inserida influencia no desenvolvimento da criança, mas não pelas condições econômicas, pois conforme a teoria histórico cultural de Vigotsky o indivíduo se desenvolve a partir de suas relações com o meio, portanto é a cultura e a forma de vida em que se encontra a família que influencia no desenvolvimento afetivo e moral da criança.

Braz, Dessen e Silva (2005) destacam em primeiro lugar as relações conjugais, como por exemplo, casamentos saudáveis que influenciam de forma positiva no desenvolvimento da criança, mas também podem influenciar negativamente:

[...] há fortes evidências dos prejuízos causados pelas disfunções familiares no desenvolvimento dos filhos, isto é, há uma correlação positiva entre os distúrbios na relação conjugal e/ou dos genitores enquanto indivíduos e os problemas de comportamento da criança (BRAZ; DESSEN; SILVA, 2005, p. 151).

Os autores ainda destacam que as relações conjugais devem ser saudáveis para propiciar um bom ambiente de desenvolvimento para as crianças. Quando essas relações não forem possíveis de serem mantidas e houver um possível divórcio, os pais ou cuidadores devem ofertar à criança suporte, afeto e uma relação de sensibilidade, caso contrário, a criança pode apresentar comportamentos problemáticos como forma de exteriorizar o sofrimento pela separação dos pais, incluindo comportamentos agressivos.

Os problemas comportamentais nas crianças, durante o desenvolvimento, ocorrem devido às relações parentais conflituosas, nas avaliações de Figlie et al. (2004), e as condições em que a família vive, como por exemplo, pouca instrução para os cuidados com as crianças, famílias que apresentam uso de drogas, alcoolismo e violência, expondo a crianças ao risco de acidentes mais o risco de apropriação do comportamento dos pais.

Figlie et al. (2004) dizem que o desenvolvimento das crianças que vivem em situações de risco, ou seja, em qualquer situação dessas descritas acima, é um desafio. Os autores destacam que filhos ou crianças que vivem na mesma casa que dependentes químicos e convivem com cenas de violência correm o risco de desenvolver transtornos psiquiátricos, problemas de comportamento, o risco de se tornarem também dependentes de substâncias químicas, o baixo rendimento escolar e sérios riscos em torno de seu desenvolvimento.

Estudos sobre violência familiar retratam altas taxas de consumo de álcool e drogas, sendo que filhos geralmente são as testemunhas da violência entre o casal e a família e, por vezes, alvos de abusos físicos e sexuais. Essa população também está mais frequentemente envolvida com a polícia e com problemas legais, quando comparada com filhos que não têm pais dependentes químicos (FIGLIE et al., 2004, p. 55).

Na opinião de Vieira et al. (2007), deve se levar em consideração também que, atualmente, é grande o número de pais adolescentes, a gravidez na adolescência também reflete no desenvolvimento do indivíduo, onde comparado aos filhos de pais adultos. Crianças, filhos de adolescentes e cuidadas por eles, podem apresentar atraso no desenvolvimento, não em grande proporção, mas é comprovado cientificamente que os pais adolescentes ainda não têm maturidade suficiente para educar e instruir os filhos e muitas vezes esses pais adolescentes também não têm uma família que lhes dê suporte na tarefa de cuidar de outra criança.

É importante considerar que, em alguns casos, os pais adolescentes podem ser carentes de orientações, vindos de uma má relação familiar, de pouca atenção, onde principalmente, se desconheciam, ou pouco se falava dos métodos contraceptivos e, é possível que os pais ou cuidadores desses adolescentes não eram presentes para instruí-los a ponto de evitar o comportamento que poderia evitar uma gestação precoce (VIEIRA et al., 2007).

2.2 RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

A família possui funções delegadas pela sociedade, como por exemplo, promover a afetividade e o cuidado às crianças educadas por ela, a família é

provedora do processo de socialização da criança, e esse processo não é único da família, é também de responsabilidade das instituições escolares. Dessen e Polonia (2007) destacam que a escola e a família são as instituições socializadoras fundamentais para desencadear o processo evolutivo das pessoas.

A escola é responsável por ensinar a criança o conhecimento científico e também de preparar essa criança para a sociedade e para a vida, então é importante ter a consciência que a família deve ser parceira da escola nesse processo educativo e não depositar na instituição as funções que são próprias da família, como a cultura, valores morais, crenças, comportamentos respeitosos e disciplinares adequados para o contexto social (RODRIGUES, 2000). Existem famílias que pensam a educação da criança como os cuidados necessários para a sobrevivência, e à escola cabe formar a criança integralmente.

Dessen e Polonia (2007) destacam que a família e a escola compartilham funções políticas, sociais e educacionais que influenciam na formação do cidadão. A família é responsável pela influência cultural, transmissão de valores e moral e também pela educação do indivíduo para que possa viver em sociedade. A escola também tem a função de educar o indivíduo para a sociedade e tem como função principal ensinar conteúdos científicos preparando o indivíduo para a vida e para o mercado de trabalho.

Compreender os papéis e as relações família-escola significa compreender o desenvolvimento humano, já que estas são as principais instituições socializadoras e de grande influência na promoção do indivíduo:

Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

As relações familiares preparam o indivíduo para viver em sociedade, pois transmitem cultura, valores e costumes e a escola também prepara o indivíduo para viver em sociedade, porém transmitindo o conhecimento científico, preparando o

indivíduo para o mercado de trabalho. Portanto, ambas as instituições sociais têm a função de educar, porém em formatos diferente.

A família deve ter uma parceria com a escola, já que este é um ambiente socializador e com um único objetivo: desenvolver o conhecimento acadêmico/científico e preparar também o indivíduo para viver em sociedade. Se a família é presente e estimula o comportamento respeitoso, certamente a criança terá um bom comportamento, principalmente na escola. A escola é uma continuação da educação que a criança recebe em casa, sendo assim, as duas instituições sociais família e escola devem caminhar juntas. Carvalho (2004) destaca a importância da relação família/escola, pois ambas precisam estar em sintonia em relação a educação e promoção do indivíduo.

O que acontece é que alguns pais, devido a sua rotina diária de oito horas ou até mais de trabalho, depositam seus filhos nas escolas para que ali sejam educados (DESSEN; POLONIA, 2007). As relações família e escola são baseadas na divisão do trabalho de educar as crianças para viver em sociedade. É necessário que os pais participem da vida escolar de seus filhos para que seja possível uma parceria entre as instituições. A falta do acompanhamento e estimulação no lar, refletem diretamente na sala de aula. Segundo Casarin e Ramos (2007), o comportamento agressivo devido às relações familiares, implica no processo de ensino-aprendizagem da criança:

A aprendizagem está ligada à ação social. A orientação educacional é vital para as pessoas, tanto nas instituições de ensino quanto nas famílias. Pode-se pensar que, a aprendizagem e o desempenho escolar dependem, primeiramente, da inter-relação familiar e, posteriormente, da relação professor-aluno (CASARIN; RAMOS, 2007, p. 182).

Essa falta de parceria na relação família/escola deixa o campo livre para que a criança desenvolva e adote, na escola, os comportamentos guiados pelo seu instinto ainda em processo de socialização, quando não há noção de direitos e deveres. Esse fator pode facilitar a manifestação de comportamentos indesejados que acabam até em práticas que geram a violência escolar. A violência escolar não afeta somente o indivíduo no campo das emoções, mas também no processo de aprendizagem, nas práticas escolares, na concentração e disposição, tanto para os

envolvidos diretamente com o problema, como para aqueles que presenciam as cenas de agressividade e violência.

Ainda segundo Casarin e Ramos (2007), os fenômenos de violência escolar na escola são reflexos da falta de uma estrutura educacional que dê suporte para o enfrentamento de situações conflituosas sem o uso da agressividade e violência. A família é a base dessa estrutura e a escola pode promover, por meio de ações educativas, novas possibilidades de argumentação, ação e decisões que facilitem as resoluções de conflitos ocorridos na escola.

No sentido de parceria da escola com a família e a percepção de comportamentos estereotipados por alguma situação que essa criança pode estar vivendo que esteja comprometendo a sua promoção como sujeito para viver em sociedade. Teixeira (2003), destaca que uma criança em processo de desenvolvimento que esteja passando por dificuldades, não consegue expressar qual é exatamente o seu estado fisiológico, então a criança expressa de vários modos, cabendo então aos adultos que as rodeiam perceber e identificar essas manifestações e tome providências para que essa criança não seja prejudicada.

3 O DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL INFANTIL A PARTIR DAS INFLUÊNCIAS DO MEIO

As novas configurações do modelo familiar, as inovações tecnológicas, as transformações sociais e econômicas são instrumentos mediadores que influenciam o comportamento infantil, mas é no ambiente familiar que a criança se sente protegida e segura, constrói seus valores morais e imita papéis sociais que se transformam em modelos de comportamentos adotados, posteriormente, na vida adulta. Vigotsky (1998) afirma que a criança se desenvolve por meio das interações com o meio e que aprendizagem e desenvolvimento são processos intrínsecos que ocorrem simultaneamente.

Vigotsky (1998) entende o indivíduo como um conjunto de relações sociais, e essas relações são estabelecidas principalmente na família e na escola. A cultura construída pelas crianças promove o desenvolvimento, criando condições para o processo de ensino/aprendizagem. Trata-se do percurso do plano social para o

plano individual, formando conceitos e conhecimentos e, principalmente, construindo a forma de ver o mundo que ocorre por meio de dois processos, a internalização e a mediação que é resumida por Facci (2004, p. 66) da seguinte forma:

As formas superiores de comportamento formaram-se graças ao desenvolvimento histórico da humanidade e originam-se na coletividade em forma de relações entre os homens, e só depois se convertem em funções psíquicas da personalidade.

A autora chama a atenção para o que Vigotsky (1996) define como funções psicológicas superiores (linguagem, memória, atenção) que se dão ao longo do processo de desenvolvimento humano e são construídas ao longo da história social do homem e de suas relações com o mundo. Assim, a criança já nasce em um mundo organizado, em uma cultura já definida e a família transmite a ela a bagagem cultural do meio social em que se encontra instituída. Ou seja, as figuras parentais são grandes influenciadoras na construção do indivíduo que não tem como escolher, a princípio, os requisitos necessários para o desenvolvimento de uma cultura diferente da cultura já instituída pela família.

As funções psicológicas superiores são responsáveis pelo processo de aprendizagem e, segundo Neves e Damiani (2005), a aprendizagem não é um acúmulo de informações, mas sim um processo interno, ativo e pessoal. Quando falamos sobre o processo de aprendizagem não significa pensar somente no âmbito educacional, mas sim, na aprendizagem como desenvolvimento, pois ao longo do desenvolvimento humano, todas as ações cotidianas são aprendidas. Cada indivíduo possui uma característica que se constrói por meio de fatores externos do indivíduo, ou seja, a convivência que o indivíduo possui com o meio e que se transformam em fatores internos (NEVES; DAMIANI, 2005).

Nesse processo de internalização, o homem se cria pela interação com o meio, o modifica, transforma e é transformado pelas relações sociais. O que significa dizer que, uma criança observa o comportamento do adulto (fator externo), internaliza o comportamento (fator interno) e emite um novo comportamento ao recriar, aperfeiçoar ou incrementar o comportamento observado.

Nesse processo destaca-se o papel da imitação, os estudos de Vigotsky (1998) apontam que a imitação ocorre em meio a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que se refere à distância entre o nível de desenvolvimento atual da

criança e o nível de desenvolvimento potencial, até onde a criança consegue chegar com ajuda de outra pessoa. Nas palavras de Chaiklin (2011, p. 668) “A criança pode chegar à imitação por meio de ações intelectuais que estão além do que ela é capaz de realizar nas ações mentais ou operações intelectuais independentes e intencionais”.

Para Vigotsky (1998), então, a criança irá se desenvolver acerca das experiências sociais presentes no mundo já organizado pelos adultos, assim a criança tende a representar os papéis sociais na qual ela vive, principalmente por meio do brincar. É no brincar que a criança assimila e imita o comportamento social dos adultos, como por exemplo, o papel de pai ao brincar de casinha, e de mãe ao brincar de boneca.

De acordo com as situações sociais vivenciadas pela criança é que ela expressa situações imaginárias, também define regras, evocam emoções, sentimentos e significados vivenciados por meio do comportamento dos adultos que a cercam, imitando aquilo que elas já conhecem, e construindo novas situações de acordo com as vivências que as rodeiam. Vigotsky (1998) considera que é no brincar que a criança aprende a agir e constrói papéis no meio social.

Conclui-se então, que a imitação é um caminho que possibilita o desenvolvimento infantil, a internalização de uma ação social de dentro para fora, onde a criança imita ações dos adultos permitindo com que ela desenvolva habilidades e internalize os significados presentes nas situações cotidianas. Portanto, a família deve produzir situações positivas, manter boas relações e ofertar um ambiente que favoreça o desenvolvimento infantil por meio da mediação (conceitos morais, sociais e culturais) e cabe à escola promover, além da aprendizagem dos conceitos científicos, a reflexão sobre os papéis sociais que cada um representa e as possibilidades de mudança.

Nesse sentido, se a criança irá se desenvolver de acordo com as interações com o meio, um modelo de comportamento agressivo visto nos pais podem ser copiados ou imitados pela criança, então é necessário que a família transmita segurança, amor e proteção para que essa criança se desenvolva plenamente como indivíduo, e principalmente estabeleça relações harmoniosas como modelo de construção de conceitos em seu processo de internalização.

Neste processo, cabe a citação das propostas de reflexão sobre afetividade de Henry Wallon. A afetividade é um conjunto de sentimentos, como por exemplo, amor, paixão. Ao nascer, a criança já necessita de afeto para que os sentimentos influenciem em seu processo de desenvolvimento e permita que a afetividade como atividade estimuladora, relacione a criança cada vez mais com o mundo no qual está inserida. A afetividade está relacionada ao bem estar e mal estar do indivíduo, assim, regula as relações sociais e pessoais. Se o meio social é então condição para que o indivíduo se desenvolva e esse ser humano é criado por uma família, a afetividade deve estar presente nas relações familiares promovendo o desenvolvimento humano (ALMEIDA, 2008).

Almeida (2008) afirma que na perspectiva de Wallon (2007) é importante a afetividade no desenvolvimento humano: “A posição de Wallon a respeito da importância da afetividade para o desenvolvimento da criança é bem definida. Em sua opinião, ela tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade” (ALMEIDA, 2008, p. 344).

Vygotsky (1998) e Wallon (2007) embora tenham focos diferentes de teorias e pesquisas, afirmam que é por meio das relações com o meio que se promove o desenvolvimento humano, porém destacam pontos diferentes e relevantes nesse processo.

Estabelecendo relações com a mediação social enquanto condição de desenvolvimento, apontamos os estudos de Campos e Souza (2003), onde o autor destaca as crianças que nascem inseridas na tecnologia e acabam sendo educadas pelo consumismo, contribuindo assim para o comportamento agressivo infantil da criança, onde o poder da mídia é cada vez mais forte, e está cada vez mais presente influenciando a criança a ter uma outra forma de observar o mundo, de compreender as relações sociais, não permitindo que a criança brinque, por exemplo, que é tão importante para a internalização de conceitos culturais em seu desenvolvimento conforme aponta a teoria Vygotskyana.

Os autores ainda apontam que é necessário refletir não só nas formas em que as relações são estabelecidas na família, mas como se dão essas relações, onde, na maioria das vezes, os pais entendem que se as crianças estiverem quietas e ocupadas por computadores celulares, videogames, televisão e qualquer outro aparelho eletrônico, estão “comportadas”, mas ao invés disso, estão sendo

educadas em silêncio por outros modelos de comportamento, que também influenciam de forma negativa e muitas vezes as levam a desenvolver comportamentos estereotipados.

O mundo moderno estabeleceu novas relações, principalmente no que diz respeito à mídia que transformou a sociedade na sociedade do consumo. A divisão da idade adulta com a idade de ser criança está desaparecendo, o tratamento dado à criança está retornando à Idade Média, quando ela era tratada como adulto em miniatura. Conforme os estudos de Campos e Souza (2003), as crianças já nascem inseridas na tecnologia, são educadas pelo consumismo, cada vez mais individualizadas e isoladas do convívio social substituído pelas opções tecnológicas dos jogos e espaços interativos virtuais.

No sentido de compreender o desenvolvimento infantil e como as relações sociais influenciam no desenvolvimento da criança como sujeito, faz-se necessário compreender o conceito de criança e infância. Os estudos de Ariés (1978) apontam que desde os séculos XII até o século XX apareceram vários conceitos e modelos de infância. Para Ariés (1978) nem todas as crianças viviam a infância devido as suas condições econômicas, sociais e culturais e a divisão das crianças em classes sociais ao longo dos séculos XVI e XVII começam a impor que a sociedade se preocupe com o desenvolvimento, cuidado e comportamento, que inicialmente eram apenas questões de etiqueta, bons costumes para as crianças da nobreza, pois a exploração infantil nessa época era em grande proporção em relação às crianças das classes mais pobres. Segundo Barbosa e Magalhães (2008), os estudos de Ariés (1978) destacam que houve um processo histórico em torno da concepção de infância e que o sentimento de infância, a preocupação pedagógica e o comportamento no meio social, são ideias que surgiram já na modernidade.

Para Postman (1999) a infância começa a aparecer quando a tipografia criou uma nova concepção de adulto, onde as crianças foram excluídas dessa faixa etária e buscou-se outro mundo onde elas pudessem habitar, isso ainda no século XI. A partir do século XVIII e meados do século XIX a industrialização utilizou as crianças em grande escala para a mão de obra barata. Em meados do século XIX começa a aparecer a preocupação com o significado de infância e no século XX as políticas públicas em defesa das crianças aparecem, ou seja, a partir de então o conceito de

infância exprime que essas crianças sejam tratadas verdadeiramente como crianças, com cuidado, atenção e proteção.

Sob um olhar crítico, devemos refletir que, atualmente, crianças se vestem como adultos, se comportam como adultos, as brincadeiras se modificaram e principalmente a rotina das crianças foi modificada, cada vez mais essas crianças estão atarefadas com cursos e outras atividades. As relações pais e filhos estão cada vez mais escassas, as famílias se reúnem menos e as crianças cada vez mais possuem “babás” eletrônicas como a televisão, jogos e celulares que fizeram com que o consumismo e a tecnologia tomassem o lugar da infância. É preciso resgatar o conceito de criança e infância que influenciará no desenvolvimento do ser humano como sujeito: “[...] a infância é uma experiência que praticamente desapareceu, pois se encontra espremida por uma adolescência bastante precoce e uma juventude que se prolonga até os 30 anos [...]” (CAMPOS; SOUZA, 2003, p. 14).

4 AS CAUSALIDADES DOS COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS INFANTIS

No entender de Lisboa e Koller (2001), a agressividade nas crianças se manifesta por meio do tumulto de atividades onde a criança atrapalha alguma rotina ou atividade estabelecida, perturba ambientes e causa intrigas, se opõe a ordens, faz birra, etc. Porém, esses comportamentos não podem ser considerados pré-estabelecidos, pois são apresentados de acordo com a situação, e a quem se destina, ou seja, é uma resposta a circunstâncias produzidas pelo meio que estimulam certos comportamentos agressivos como resposta. “Crianças agressivas expressam suas dificuldades de interação e adaptação através de seus comportamentos” (LISBOA; KOLLER, 2001, p. 60).

Joly, Dias e Marini (2009) apontam que o comportamento agressivo influencia diretamente o desenvolvimento pessoal e a vida em grupo, os aspectos que originam o comportamento agressivo são as experiências pessoais e principalmente o contexto familiar em que o indivíduo está inserido. As autoras ainda destacam que são nos anos iniciais da infância que a personalidade é formada, logo, é nessa idade que se deve ter mais atenção com as crianças, em qual cenário estão sendo educadas, como são as relações familiares, a presença dos pais e a valorização da

infância para que as crianças não sejam dominadas pela mídia e pelo consumismo, se tornando cada vez mais adultas precoces e principalmente, que não falte a parceria família/escola, pois esses são fatores decisivos que levam as crianças a terem comportamentos agressivos, e por vez, terão seu processo de desenvolvimento prejudicado:

Destaque será dado no presente estudo aos comportamentos agressivos [...]. Em geral, surgem pela interação deficitária entre pais e filhos, no que se refere especialmente à comunicação e afeto, disciplina inconsistente, monitoramento e supervisão insuficientes das atividades infantis ou do adolescente. O modelo de comportamento que os pais apresentam tem grande influência sobre o desenvolvimento da agressão na criança. A brutalidade na relação entre os pais e seus filhos, ensina às crianças, por meio da observação, o que fazer, assim, concluem que bater é apropriado e poderoso. A rejeição parental, a negligência, a disciplina rígida e a crueldade contra outros da família também estão ligadas à agressividade dos filhos (JOLY; DIAS; MARINI, 2009, p. 84).

A agressividade então é a repetição de um comportamento vivenciado pela criança. Dessen e Polonia (2007) destacam que o comportamento agressivo das crianças se dá ao longo do desenvolvimento, e principalmente nos primeiros anos de vida, pois é nesse período que a criança forma seus princípios e valores, dessa forma, as práticas parentais tem grande influência no comportamento infantil.

Segundo Dessen e Szelbracikowski (2006), a família é a principal responsável pelo comportamento infantil, principalmente pelos comportamentos estereotipados (comportamentos anormais), agressivos que se dão por meio das relações parentais turbulentas que ocorrem no ambiente familiar. Dessen e Polonia (2007) afirmam que os problemas de ausência familiar vêm aumentando ao longo do tempo, a falta de tempo, o dia a dia agitado, as dificuldades de relacionamento dos adultos dentro de casa, os conflitos conjugais, as crises econômicas, a mulher inserida no mercado de trabalho, a sociedade midiática e a falta de relações harmoniosas, refletem diretamente no desenvolvimento da autoestima e segurança da criança, pois o ambiente familiar é a fonte de segurança e amparo, contribuindo então para o comportamento agressivo infantil.

Assim, consideram-se as interações familiares, principalmente, como sendo decisivas para determinar o tipo de adulto que essa criança irá se tornar. A psicologia reconhece que as necessidades psíquicas da criança devem ser

compreendidas, ou seja, o controle e o cuidado então dessas crianças estão nas mãos dos adultos.

Retomando os estudos de Lisboa e Koller (2001), entende-se que além da criança agressiva ter seu desenvolvimento comprometido enquanto sujeito, essa criança, muitas vezes, revela por meio de seu comportamento um estado de vulnerabilidade, de desajuste social e usa a agressividade como uma forma de pedido de ajuda, aliviando os sentimentos sentidos ao estar exposta às situações de risco.

A única forma de identificar e inibir esse comportamento agressivo é observar essa criança continuamente e as suas relações atuais com o meio, para que após observada e acolhida por um adulto, essa criança seja inserida em um ambiente que realmente lhe proporcione condições de desenvolvimento pleno enquanto sujeito, caso contrário, esses comportamentos agressivos podem se agravar com o tempo e certamente formará um adulto delinquente.

5 AS RELAÇÕES PARENTAIS, O DESENVOLVIMENTO E O COMPORTAMENTO AGRESSIVO INFANTIL: ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho, foi possível perceber o quanto as relações parentais são decisivas no comportamento e no desenvolvimento infantil. Segundo Dessen e Szelbracikowski (2006), a família é uma das instituições sociais responsável pelo comportamento infantil, principalmente pelos comportamentos estereotipados (comportamentos anormais), agressivos que se dão por meio das relações parentais turbulentas que ocorrem no ambiente familiar.

Ao se pensar em desenvolvimento infantil, é importante pensar na criança atual, no conceito de infância que temos hoje, no mundo contemporâneo, onde as crianças estão cada vez mais ausentes nas relações parentais por conta do novo papel que a mãe tomou na atualidade. O cotidiano agitado que possuem as famílias atuais, as novas configurações familiares, o acúmulo de tarefas que essa criança executa diariamente, o cenário em que a família desta criança está inserida, seja ela de drogas, alcoolismo ou violência, pais e mães adolescentes, e principalmente a

mídia, que ocupa grande parte da vida dessa criança, são fatores que contribuem para um desenvolvimento carregado de problemas.

Todos os fatores negativos quanto ao desenvolvimento descritos acima são causadores de comportamentos agressivos. Ao longo da pesquisa, nos apoiamos na teoria de Vigotsky (1998) que destaca que o homem se transforma de acordo com o meio, e como já escrevemos, a imitação é um dos caminhos principais para esse desenvolvimento, é aí que a criança vai imitar tudo aquilo que é vivenciado por ela. Portanto, se essa criança for criada em um ambiente que não favoreça sua formação como indivíduo, certamente a única coisa que essa criança irá aprender são todos os pontos negativos que atrapalharam o seu desenvolvimento.

Oliveira et al. (2008) destacam que na maioria dos casos, as famílias que possuem crianças em situações de risco que podem ter seu desenvolvimento afetado de forma negativa, naturalizam esses fatos, como se não fossem tão prejudiciais assim, o que essas famílias esquecem é que a formação do comportamento se dá nos primeiros anos da infância e seguem até a vida adulta. De acordo com a autora, cada família vai influenciar de forma diferente as crianças que estão inseridas nela, porém, independente do seu modelo, deve ofertar afeto, carinho e proteção.

Por fim, destaca-se que a escola é uma continuação da educação recebida em casa, pois no ambiente escolar a criança está para aprender o conhecimento científico, e muitas vezes o comportamento agressivo desenvolvido pela criança promove também o insucesso na vida escolar é consequência desses comportamentos estereotipados que as crianças possuem, dificultando a rotina escolar, e o processo de ensino-aprendizagem.

Considera-se, então, que o fator relevante para o comportamento agressivo infantil são os modelos agressivos de relações parentais e a interação da criança com o meio. Sendo relevante que pais/cuidadores se atentem a essas relações para que o desenvolvimento das crianças aconteça de forma positiva e saudável, sem que desenvolvam comportamentos agressivos que acarretam em uma série de problemas durante o seu desenvolvimento, ofertando à criança um ambiente seguro, de proteção, afeto e relações harmoniosas. Sejam elas em qualquer modelo de família, pois todas elas têm o dever de reconhecer, proteger o indivíduo e atender suas necessidades enquanto criança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos estudos realizados, foi possível perceber o quanto as relações familiares influenciam no processo de desenvolvimento do indivíduo, simples ações poderiam permitir que pais ou cuidadores e as crianças que estão inseridas na família, independente do tipo de família, tivessem uma relação mais harmoniosa evitando uma série de problemas ao longo da vida desta criança, tanto na vida social, quanto na vida escolar.

Pais e professores enfrentam diariamente problemas com o comportamento agressivo infantil, porém esse tipo de comportamento tem causa e consequência. A família é a instituição social principal no processo de formação do indivíduo, um bom relacionamento parental contribui de forma positiva no comportamento da criança, pois são nas relações familiares que a criança começa a descobrir o mundo. Os problemas de ausência familiar vêm aumentando ao longo do tempo, a falta de tempo, o dia a dia agitado, a dificuldade de relacionamento dos adultos dentro de casa, os conflitos conjugais, as crises econômicas, refletem diretamente no desenvolvimento da autoestima e segurança da criança, pois o ambiente familiar é a fonte de segurança e amparo.

Esse tipo de comportamento se dá por uma sensação de fragilidade e insegurança na criança, se essa criança não puder contar com a família, certamente ela irá procurar outros grupos, ou formas de suprir essas necessidades como o uso de álcool, drogas, manifestações de violência, e tudo isso ocorre porque como a criança ainda se encontra em processo de formação, ela não age de forma racional, e sim emotiva, no intuito de demonstrar que não está satisfeita emocionalmente, o que acontece é que hoje, os pais ou cuidadores vivem em uma rotina tão agitada que esses comportamentos vão passando despercebidos, ou há famílias que vêm mas não fazem nada para mudar a situação.

O problema é que, enquanto não houver importância para o comportamento agressivo como: “não são nada” ou são “coisas de crianças mal criadas”, esse tipo de comportamento se internaliza na criança e assim irá formar o adulto, e vão passando de geração para geração, pois a tendência é transmitimos aquilo que aprendemos.

Por fim, esperamos que esse trabalho contribua quanto à importância de se refletir sobre o conceito de infância atual, no desenvolvimento infantil, no sucesso na vida escolar e principalmente na análise da influência do contexto familiar no desenvolvimento do comportamento agressivo infantil a fim de que pais e cuidadores repensem suas atitudes e o futuro de nossas crianças.

Considera-se que é importante estudarmos as relações familiares, as relações dessas crianças com o meio, a afetividade no processo de desenvolvimento infantil, pois são fatores capazes de resgatar o conceito de infância e favorecer as crianças um desenvolvimento saudável, principalmente em meio às relações familiares e em relação ao comportamento para que se promovam enquanto indivíduos na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/256053-A-afetividade-no-desenvolvimento-da-crianca.html>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução de D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2008. Disponível em: <<http://revista.ufrr.br/index.php/examapaku/article/view/1456/1050>> Acesso em: 15 jun. 2015.

BOTTOLI, C.; BÜRGER, Raquel Baptista; CASTRO, Luiza Manassi; FERRÃO, Natacha da Rosa. Transformações da família nuclear para a família contemporânea: novas configurações. In: **INTERFACES NO FAZER PSICOLÓGICO**, 5., 2012. Santa Maria, 2012. **Anais...** Santa Maria: Unifra, 2012. p. 1-8 . Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/interfacespsicologia/Trabalhos/3081.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

BRAZ, M.P.; DESSEN, M.A.; SILVA, N.L.P. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e**

Crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 151-161, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27465.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

CAMPOS, Cristiana Caldas Guimarães de; SOUZA, Solange Jobim e. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n.1, p. 12-21, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n1/v23n1a03.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

CARVALHO, M. E. P. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr., 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca; RAMOS, Maria Beatriz Jacques Família e aprendizagem escolar. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 24, n. 74, p. 182-201, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v24n74/v24n74a09.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

CHAIKLIN, Seth. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 4, p. 659-675, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a16v16n4.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

DESSEN, M. A.; SZELBRACIKOWSKI, A. C. Estabilidades e mudanças em padrões familiares de crianças com comportamentos exteriorizados. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 33, p. 71-80, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/10.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, SP, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20092.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

FIGLIE, N.B.; FONTES, A.; MORAIS, E.; PAYÁ R. Filhos de dependentes químicos com fatores de riscos bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial? **Rev. Psiq. Clín.**, São Paulo: UNIFESP, v. 31, n. 2, p. 53-62, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v31n2/a01v31n2>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

GOMES, H. **Um estudo sobre significados de família**. São Paulo: PUC-SP, 1988.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; DIAS, Anelise Silva; MARINI, Janete Aparecida da Silva. Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental. **Psico USF**, Itatiba, v. 14, n. 1, p. 83-93, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v14n1/a09v14n1.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

KAMERS, M. As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. **Estilos clín**, São Paulo v. 11, n. 21, p. 108-125, dez. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v11n21/v11n21a08.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. Construção e validação de conteúdo de uma escala de percepção, por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 59-69, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n1/v6n1a08.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

MACEDO, Rosa Maria. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov. 1994. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/877/883>> Acesso em: 5 jun. 2015.

MAIO, E. R.; OLIVEIRA JÚNIOR, I. B. Família e escola: um novo (re)pensar e (re)agir pedagógico. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, p. 101-115, dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume10/07_FAMILIA_ESCOLA_NOVO.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2015.

NEVES, Rita de Araújo; DAMIANI, M. F. Vigotsky e as teorias da aprendizagem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO NAS FRONTEIRAS DO HUMANO, 4., 2006. São Leopoldo. **Anais...** 2006. v. 1. p. 1-10, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/educadores/Artigos/PDF/vygotsky.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2015.

OLIVEIRA, D.; SIQUEIRA, S. C.; DELL'ÁGLIO, D.D.; LOPES, R. C. S. Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão da produção científica. **Interação em psicologia**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 87-98, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/view/9172/9213>>. Acesso em: 7 maio 2015.

PIZZI, Maria Letícia Grecchi. Conceituação de família e seus diferentes arranjos. **Ensino de Sociologia em Debate - Revista Eletrônica**: LENPES-PIBID de Ciência

Sociais - UEL, Londrina, n. 1, v. 1, p. 1-9, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20PIZZI%20M.%20L.%20G.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

POLETTI, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 25, n. 3, p. 405-416, jul./set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a09v25n3.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

POSTMAN, Neili. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRATTA, Elisângela Maria M.; SANTOS, Manoel Antonio. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma escola nova: o transitório e o permanente na Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psidoeducacional. **Estud. psicol.**, Campinas, SP, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a01v21n2.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

TEIXEIRA, E. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vigotski: alguns aspectos de duas teorias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 235-248, jul/dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a03v29n2.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Revista Psico**, Porto Alegre: PUCRS, v. 38, n. 3, p. 262-268, set./dez. 2007.

VIEIRA, Maria de Lourdes F.; BICALHO, Gladys Gripp; SILVA, João Luiz de C. P.; BARROS FILHO, Antonio de Azevedo. Crescimento e desenvolvimento de filhos de mães adolescentes no primeiro ano de vida. **Rev. paul. Pediatr.**, São Paulo, [online]. v. 25, n. 4, p. 343-348, dez, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpp/v25n4/v25n4a08.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 21, n. 2, p. 181-186, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a08v21n2.pdf/>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 127-135, jan./abr. 2004 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a16.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2015.